

# O DESLOCAMENTO MIGRATÓRIO DO (I) MIGRANTE NA AMAZÔNIA: SUJEITOS MARGINALIZADOS EM TERRA DE ICAMIABA E RELATO DE UM CERTO ORIENTE

## MIGRATORY DISPLACEMENT OF (I) MIGRANT IN AMAZON: MARGINALIZED PEOPLE ON TERRA DE ICAMIABA AND RELATO DE UM CERTO ORIENTE

Nathassia Guedes 1

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar as narrativas *Terra de Icamíaba*, publicada em 1934, do paraense Abguar Bastos, e *Relato de um certo Oriente* (2008), do manauara Milton Hatoum, vindo a público em 1989. Ambas as narrativas são moldadas com base em memórias e deslocamentos, de grupos marginalizados, atrelados a um discurso de formação da Amazônia, a partir do Ciclo da borracha, bem como da emancipação amazônica, no final da década de 1980. Acostados à perspectiva que os romances escolhidos para análise são construídos a partir da experiência de exílio, da errância e deslocamento, alicerçados ainda, na observação que seus eus locais já são revestidos de eus globais, intentamos refletir sobre a representação literária desses grupos, cuja identidade coletiva se reveste de sentido negativo, ora pela cultura dominante, ora pela orientação social coletiva.

**Palavras-chave:** Amazônia. Grupos Marginalizados. Ciclo da Borracha.

**Abstract:** This work aims to analyze the narratives *Terra de Icamíaba*, published in 1934, by the Paraense Abguar Bastos, and *Relato de um Oriente* (2008), by the Manauara Milton Hatoum, which was made public in 1989. Both narratives are shaped by memories and displacements, from marginalized groups, tied to a discourse of Amazon's formation, from the Rubber Cycle, as well as of Amazonian emancipation, in the late 1980s. Lying to the perspective that the novels chosen for analysis are constructed from the experience of exile, from the errancy and displacement, based therefore, on observation that its local selves are already covered with global selves, we intend about the literary representation of these groups whose identity is covered in negative meanings, either by the dominant culture, or by the collective social orientation.

**Keywords:** Amazon. Marginalized Groups. Rubber Cycle.

## O Ciclo da borracha e a migração nordestina

Produzido em 1944, o quadro **Retirantes**, do paulista Candido Portinari, faz parte do conjunto de quadros da série **Retirantes**, que é composto de quatro pinturas. Inserida no modernismo brasileiro, essa obra retrata o flagelo, a morte e a barbárie emocional que ocorre com todos aqueles que se retiram - ou são forçados a se retirarem - de seu espaço e se movem a outro desconhecido. A grande seca de 1915 e a infância do pintor serviram de pano de fundo para a produção de sua obra.

Na tela, pintada à óleo, Portinari apresenta nove personagens esboçados em sua forma cadavérica, com cinco crianças, duas mulheres e dois homens que representam o sagrado - família, - e o profano - a morte iminente. A situação precária das pessoas é exposta nesse cenário de sofrimento, cujo ciclo da vida também é observado, uma vez que se inicia na criança pequena e se encerra na figura cadavérica do idoso. As expressões de sofrimento transmitem a miséria que norteava a vida desses personagens, os quais representavam pessoas reais, que se deslocaram a um outro lugar em busca de melhores condições de vida ou apenas de sua sobrevivência. Esqueletos de animais, a vegetação da Caatinga, a secura do sertão e o sofrimento retratado nos olhos dos personagens são elementos encontrados em muitos romances que também retrataram a vida miserável do nordestino.

A narrativa **Os sertões** (1998), de Euclides da Cunha, publicada em 1908 é dividida em três partes: a Terra, o Homem e a Luta. Essa obra, tem como tema, a realidade histórica à época, ressaltando, para nossa pesquisa, a menção aos flagelos da seca nordestina e à migração de homens, mulheres e crianças. Seguindo, o romance **A bagaceira** (1997), do paraibano José Américo de Almeida, publicado em 1928 - que também retrata a seca, mais precisamente o êxodo ocorrido em 1898 -, expõe a miséria e toda a questão social inerente ao ambiente que o autor buscou denunciar. No romance, os retirantes que surgem em meio ao ambiente dos engenhos - das bagaceiras - foram representados de forma realista. Publicada em 1930, **O quinze** (2013), romance da cearense Rachel de Queiroz, também tem como pano de fundo a seca de 1915, que serviu de inspiração a Portinari. Nessa obra, o homem é pintado em sua miséria e busca por melhores condições de vida. Também pertencente à escola modernista, **Vidas secas** (2013), do alagoano Graciliano Ramos, foi publicada em 1938, seis anos antes da pintura de Portinari. Os treze capítulos dessa obra narram a caminhada de uma família de retirantes que foge da seca e da fome que assolava o nordestino à época.

Essas obras representam, nas artes - pintura e literatura -, o olhar crítico de seus autores sobre os problemas que estavam acontecendo no Brasil. As grandes secas que assolaram o Nordeste brasileiro contribuíram para o deslocamento de vários homens, mulheres e crianças ao Norte do país, ao Eldorado brasileiro que buscava novas famílias para seu desenvolvimento e posse de verdes terras e frutos infindáveis. A presença do nordestino na Amazônia pode ser observada na crise da produção do látex nas terras nortistas e também como seu deslocamento se fez de suma importância ao restabelecimento econômico da produção gumífera. Para Josué de Castro (1984), a ausência de políticas públicas contribuiu para que não houvesse e nem haja uma boa distribuição de riquezas e concentração de favoráveis variáveis no Nordeste brasileiro. O Nordeste é rico em produtos, mas não tem participação governamental forte que distribua de forma igualitária sua riqueza:

O Nordeste não está condenado irremediavelmente à pobreza e o seu povo à fome, por qualquer forma de determinismo inexorável, mas, porque no jogo das variáveis econômicas, a política colonial que se afrouxou mais no Sul ainda se mantém bem arroxada na região nordestina, simples produtora de matérias-primas e produtos de base. Chego às vezes a pensar que o que mais tem faltado ultimamente ao Nordeste é um pouco mais de força política - liderança - para reivindicar em termos dialéticos, e não de súplica, os seus direitos humanos (CASTRO, 1984, p. 254).

No norte amazônico, os processos migratórios ocorreram de forma expressiva modificando as estruturas sociais e econômicas desta região. De acordo com Flávio Pimentel (2012), as migrações de diversas partes do território brasileiro contribuíram para essa formação socioeconômica da região amazônica, em especial o deslocamento nordestino. Para Pimentel (2012), a presença do nordestino influenciou a estrutura da região: “O nordestino é o mais significativo grupo de migrantes que se dispuseram a vir para região amazônica” (PIMENTEL, 2012, p. 58).

Desde a chegada dos portugueses e a oficialização do Brasil como terras coloniais pertencentes à Coroa, o Brasil produziu - em pequena ou grande escala - uma grande variante de produtos que eram cultivados ou deixados de lado para que outros ganhassem maior notoriedade. À título de exemplo, citamos a produção do ouro branco - açúcar -, do ouro amarelo e, posteriormente, do café, não nos esquivando de mencionar a produção de algodão, no Nordeste e leite, no eixo Rio - São Paulo. No decorrer do processo colonizatório, o Brasil sofreu intensas modificações geográficas, derivadas, em sua grande maioria, do contexto econômico e social que possibilitou às regiões se desenvolverem de forma célere ou tornarem - se grandes centros. Desse contexto econômico, podemos destacar a produção e exploração do látex, na região amazônica, que teve sua fase de ascensão e declínio, comumente chamada de Ciclo da borracha. O Ciclo da borracha é um dos mais importantes e conhecidos momentos histórico - econômico - social do Brasil. Esse momento histórico é dividido em duas fases: a primeira, de 1879 a 1912; e a segunda fase, de 1942 a 1945, quando houve seu declínio. Nessa fase, a região Norte teve grande desenvolvimento cultural, expansão territorial e transformação de pequenas cidades em grandes centros culturais: “E foi com o espírito econômico [...] que o empreendimento do plantio da borracha surgiu como uma via para o desenvolvimento da região. O mundo se interessava pela borracha (MARQUÊA, 2007, p. 104).

Com a borracha, o Norte do país ganhou maior visibilidade e passou a expandir-se, garantindo grandes transformações culturais e sociais, resultando no crescimento de grandes capitais como Manaus e Belém: “O Amazonas teria de esperar a descoberta da seringa para sonhar com a entrada no mercado internacional e quando esse tempo chegou, Manaus, sua capital, chegou a ter o prestígio da cidade do Rio de Janeiro” (MARQUÊA, 2007, p. 102).

Em relação às mudanças urbanísticas ocorridas no auge da supremacia da borracha e, como consequência com a transformação da região amazônica no maior polo de extração e distribuição do látex, as cidades dessa região tiveram uma mudança significativa em sua arquitetura e desenvolvimento, passando a se adequar à nova era moderna. A capital Belém (Pará) foi uma das que mais se desenvolveu com o processo da extração do látex. Nela, um grande projeto arquitetônico foi realizado e teve como inspiração as cidades europeias - modelos de modernidade e progresso. Seguindo o desenvolvimento, Manaus, capital do Amazonas, também se destacou durante o progresso, marcando, inclusive, a *Belle Époque amazônica*.

Pertencente ao quadro de regiões brasileiras, a região Norte é composta por sete estados: o Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Sua formação social não se diferencia muito do resto do país: seus primeiros habitantes pertenciam aos povos indígenas que, com a chegada do homem europeu e dos demais exploradores nessa região, sofreram com a dizimação ou total extinção de suas comunidades. Na história das terras nortistas, não somente o homem branco europeu foi responsabilizado como genocida, mas também a população miscigenada que ali passou a existir. Segundo Eduardo Carneiro (2017), o Acre - um dos territórios de destaque na obra de Abguar Bastos -, teve em seu processo de formação social o genocídio de vários povos indígenas cometido por migrantes nordestinos: “A genealogia do Acre começa quando a história de inúmeros povos nativos termina. O contato entre nativos e nordestinos não foi harmônico” (CARNEIRO, 2017, p. 11).

Com a necessidade de um maior contingente de pessoas para a extração do látex, os nordestinos que migraram para o norte do país passaram a viver em terras antes indígenas e precisaram se estabelecer nelas para a própria sobrevivência, não poupando esforços para tanto. Complementando Carneiro, Otávio Ianni, em sua obra, **A luta pela terra** (1981), também destaca esse processo de ocupação, a partir da derrocada da borracha no norte do país:

Depois, com a crise e decadência do monoextrativismo da borracha, houve modificações na estrutura fundiária subjacente a essa economia. Houve seringueiros, seringalistas e comerciantes que se converteram a outros extrativismos ou à pecuária e agricultura, para viver e manter a família e agregados. Reduziu - se o segmento mercantil e cresceu o segmento de subsistência das unidades agrícolas, pecuárias e extrativistas que se constituíram após a crise e a decadência da borracha. Daí a formação de sítios, fazendas e latifúndios; ou puro e simples abandono de lugares, com a reconversão das terras de cauchais e seringais em terras devolutas (IANNI, 1981, p.86).

Para Ianni, as terras antes pertencentes aos nativos foram tomadas pelos que se fizeram presentes na busca da extração do látex. Após o auge da borracha, as terras amazônicas passaram a servir para demais produções, a exemplo do cultivo da castanha, produto que servirá de pano de fundo de outro romance abguardiano, **Safra** (1937). Em **Terra de Icamiaba** observamos a menção à novos empreendimentos após o declínio da borracha: “Empregou homens. Comprou materiais. Iniciou derrubadas. Alimentou incêndios. Destocou. Abriu planuras e valas” (BASTOS, 1934, p. 61).

O dia de trabalho dos seringueiros iniciava bem cedo, pois este horário era o melhor para a coleta da matéria - prima da borracha. Para conseguirem a incisão no tronco da árvore, entravam mata adentro e coletavam o líquido em uma pequena tigela. Quando terminavam de recolher a seiva passavam o material a uma cabana para ser coagulado, colocando bastões neste líquido para que secasse sobre o calor de uma fogueira e, dessa forma, permitir a formação de bolas de borracha. Todo esse processo de retirada e coagulação foi ensinado pelos nativos da região. Para uma melhor visualização do processo de extração do látex, sua transformação em “bolas” de borracha e demais procedimentos na economia gumífera, apresentamos algumas imagens que proporcionam a identificação das fases e facilitam vislumbrar esse contexto histórico-econômico, na região norte.

Em um primeiro momento, o látex, produto extraído das seringueiras, era matéria utilizada na fabricação das borrachas de apagar, em galochas e em seringas. No século XIX, em 1839, o cientista Charles Goodyear descobriu o processo de vulcanização, aperfeiçoando a resistência e a elasticidade da borracha. Esse processo permitiu uma maior utilização da borracha, sendo utilizada, posteriormente, em mangueiras, sapatos e até correias. A região amazônica, diante desse progresso, se tornou uma das maiores produtoras de látex, o que a transformou no polo de maior extração e exportação de látex do mundo, reflexo da necessidade da matéria - prima para a produção de pneus. Entretanto, embora tenha se mantido desde 1879 como grande produtora de látex, a região entra em declínio, no início do século XX, quando a Ásia passa, também, a explorar a matéria - prima da borracha, depois que houve o *furto*<sup>1</sup> de sementes da seringueira, no Norte, para serem plantadas neste continente. Em **Terra de Icamiaba**, notamos a menção a esse momento histórico que marcou a economia gumífera: “E lembra aquele sujeito do Pará que vendia para o Ceilão sementes fervidas de seringueira. Inglês convencido plantava a semente e exasperava - se porque a semente não brotava” (BASTOS, 1934, p. 41).

A queda de seu preço e de valor de mercado trouxe grande prejuízo aos produtores, uma vez que muitos necessitaram realizar a venda do produto por um valor muito abaixo daquele comumente repassado, inclusive, daquele investido na larga produção. Ocorre que a concorrência com o estrangeiro e a ausência de apoio governamental contribuíram para a perda de *status* do produto. Entre 1910 e 1920, muitos seringueiros foram à falência; o pró-

---

1 O inglês Henry Wichkam, que viveu em Santarém, no Pará, durante o Ciclo da borracha, contrabandeou uma carga, em 1876, com 70 mil sementes de seringueira, envoltas em cestos trançados, sob folhas vegetais. Os cestos foram levados ao diretor do Jardim Botânico de Kew, em Londres. Das 70 mil sementes, apenas 2 mil germinaram. As mudas levadas ao sudoeste asiático produziram após mais de 30 anos a nova fonte de látex da Ásia. Esse feito contribuiu para o declínio da borracha e fez de Henry Wichkam o pioneiro em biopirataria no mundo.

prio governo teve baixa em seus cofres públicos, já que se estocava a borracha para que esta tivesse seu preço elevado. Convém destacar que a omissão do governo em relação à borracha prejudicou e contribuiu para sua perda plena, tornando - se o café, então, o grande produto de destaque nesse tempo. Não houve programas de recuperação ou de ajuda aos seringueiros para sua proteção, nem sequer tentativa de reerguer a produção. Em determinado momento, o governo aceitou um pedido de proibição de protecionismo paraense em prol dos industriais estadunidenses para que o Pará não cobrasse taxas maiores aos estrangeiros.

Em 1941, período da Segunda Grande Guerra, os países Aliados passaram a necessitar de um maior consumo das principais matérias - primas, a exemplo da borracha. Com o ingresso do Japão na guerra houve o bloqueio da produção em solo asiático, provocando a quase indisponibilidade do produto aos demais países, fazendo com que os olhos estrangeiros mirassem a produção amazônica: “Em nível internacional, a partir de 1942, novamente houve uma demanda por borracha [...] A goma elástica era uma indispensável matéria - prima para a indústria bélica” (CARNEIRO, 2017, p. 33).

A Amazônia era um grande depósito natural de látex e possuía, à época, mais de 100 milhões de seringueiras prontas para o uso, que produziam o equivalente a 500 mil toneladas de borracha ao ano. Desse quadro, o governo americano viu a necessidade da expansão da produção e, junto às autoridades brasileiras, assinou o Acordo de Washington, em 1942: “Retoma - se então o negócio de trinta anos antes. Getúlio Vargas e Franklin Delano Roosevelt [...] assinam um acordo em 1942, o chamado Acordo de Washington, pela volta da produção em larga escala de borracha no Brasil, mais precisamente na Amazônia” (WANZELER, 2009, p. 49). No ano de 1942, o Estado brasileiro, com o Acordo de Washington, permitiu uma extensa operação de extração de látex nos seringais nortistas possibilitando o retorno da grande produção. Consoante tal arranjo, o Estado americano financiaria de forma intensa a produção da borracha enquanto o Brasil se encarregaria de coordenar a imensa massa de trabalhadores na região Norte do país. “Recomeça, então, o processo de recrutamento de mão - de - obra para a produção, e, mais uma vez, uma enorme leva de nordestinos migra para a região amazônica com o intuito de trabalhar nos seringais” (WANZELER, 2009, p. 49). Desse contexto, o Brasil se viu obrigado a acelerar a ida de trabalhadores para a região para que houvesse um significativo aumento da extração do látex e da produção da borracha. Para tanto, o governo brasileiro, juntamente com o americano criaram diversos órgãos para a coordenação da extensa produção. Convém destacar que à época havia apenas 35 mil trabalhadores e a produção se dava até 10 mil toneladas no ano da Segunda Guerra sendo necessários mais de 100 mil trabalhadores para que a produção pretendida fosse consumada.

De fato, o Brasil, além de estabelecer relações na Grande Guerra, auxiliou o grande contingente de brasileiros que sofriam com um dos mais graves problemas sociais da nação: a seca nordestina. Em 1941- 42, estima - se que mais de 20 mil brasileiros, em sua grande maioria, nordestinos, passavam fome e que o deslocamento à região Norte seria uma opção à miséria que estavam vivendo. Fome e falta de perspectiva somaram - se aos flagelados da seca que viam na ida ao extremo do país uma nova oportunidade de vida. Interessante ressaltar o esforço brasileiro em divulgar o Eldorado amazônico, o lugar verde e úmido que se oporia ao amarelo e seco do sertão nordestino. Vários cartazes foram distribuídos tentando convencer os trabalhadores a sua ida gratuita ao Amazonas e seu enriquecimento com a borracha. “Como o Nordeste sofria de uma grande seca, não foi difícil convencer os cearenses a migrarem para o “inferno verde”. Mentia - se dizendo que eles ficariam ricos com a extração da borracha e rapidamente voltariam para as suas respectivas cidades natais (CARNEIRO, 2017, p. 15 - grifos do autor). A famosa frase *Borracha para a vitória* convenceu muitos trabalhadores e se tornou emblema da migração.

O aliciamento de nordestinos para que lutassem ao lado dos Aliados, que se alistassem e participassem desse “ato de coragem” fez parte da mobilização chefiada pelo Brasil. Professores, profissionais da saúde, sacerdotes, entre outras profissões, esses homens também foram coagidos a se empreitar para a selva. À parcela nordestina que não era ludibriada com as promessas do Eldorado amazônico, o Estado dava apenas duas opções: ou os homens alistados serviriam trabalhando como seringueiros - soldados da borracha - ou seriam convocados a

lutarem na Europa, contra alemães. Aqueles soldados, enviados ao extremos do país, receberam tratamento de combatentes e, dos mais de 50 mil *soldados da borracha*, apenas metade conseguiu sobreviver à selva.

Com o passar dos anos, para o Governo americano, a migração e a exploração da borracha apresentavam progresso, além de enviarem várias embarcações, suprimentos e caminhões de mercadorias, não esquecendo da grande quantia em dinheiro para o investimento. Diante de toda essa quantia, o Governo brasileiro buscou gastar em propaganda, ao invés de melhorar as condições de trabalho do nordestino. Toneladas desperdiçadas de café, algodão, animais enviados ao Norte que *desapareciam* no meio do caminho eram situações que ocorriam e nunca eram justificadas pelo Estado brasileiro.

A primeira leva de nordestinos - ou *soldados da borracha* - chegou à Amazônia de forma pouco organizada e apenas metade dos mais de 10 mil homens estavam aptos ao trabalho nas seringueiras. Esse grupo foi considerado como a primeira parcela dos soldados da borracha e nada mais eram que retirantes que fugiam da fome e miséria de uma seca que não se encerrava no Nordeste. Infelizmente, o grupo inicial não supria a necessidade de pessoal para que houvesse uma extensa produção da borracha. Para tanto, houve um forte investimento americano - junto a uma atuante coordenação americano - brasileira - possibilitando uma maior e mais significativa transferência de trabalhadores aos locais.

Ocorre que todo o percurso entre o Nordeste e Sudeste brasileiros até o Norte era de pior acesso e eram nulas as embarcações. Medo de submarinos alemães, aviões de guerra e assaltos generalizados era muito do que ocorria no caminho até a borracha. O itinerário do nordestino até chegar aos seringais se dava da seguinte forma: o trabalhador recebia um combo de utensílios pessoais: uma caneca, um talher, um prato, uma rede, uma calça, uma blusa de morim, um par de sandálias, um chapéu e um salário de meio dólar por dia. Após receber essas mercadorias aguardava a promessa da ida à Amazônia. Homens, mulheres e crianças se abarrotavam em locais pequenos e partiam ao Maranhão para posteriormente serem enviados aos grandes centros como Belém, Manaus, Rio Branco e demais cidades; lá, aguardavam a recepção de seus patrões para exercerem a cidadania durante a Guerra.

Quando os migrantes chegavam ao Maranhão, por exemplo, permaneciam por semanas até que fossem direcionados aos seringais. Ao chegarem nesse local, os migrantes já passavam por privações e péssimas condições de vida em alojamentos sem higiene e precária alimentação - já que a quantidade de comida à disposição dos trabalhadores não era bem preparada, pois não havia higiene e zelo com águas contaminadas. A febre amarela, a malária e a icterícia foram alguns dos surtos que os trabalhadores acabaram sofrendo dentro dos alojamentos. Manaus e Belém, capitais desenvolvidas, além de outros portos, também comprometiam a vida do trabalhador. Diferente do que expunha o Governo em sua propaganda sobre o Eldorado Brasileiro, não havia médicos e a saúde do migrante piorava com sua permanência nos portos. Muitos migrantes passaram a abandonar os alojamentos para evitar as más condições, sobreviver longe dos surtos ou simplesmente tentar o retorno à terra natal.

Não somente dentro dos alojamentos que os *soldados da borracha* começaram a buscar melhores condições de vida. Durante algumas viagens muitas revoltas ocorreram nas *gaiolas*, barcos que levavam os migrantes. As notícias das péssimas condições de vida nos seringais e a possibilidade de nunca mais retornarem à sua terra alarmaram vários trabalhadores oriundos do Nordeste. No momento de sua chegada aos seringais, após mais de meses nas embarcações, os trabalhadores já chegavam recebendo tratamento indigno: os recém - chegados eram chamados de *brabos*, uma vez que não conheciam o sistema, teriam um rendimento baixo naquele ano e ainda desconheciam o tratamento dado ao corte da seringa. No segundo ano, já adaptado ao meio, o trabalhador era chamado de *manso*. Desse contexto, percebemos que havia uma *animalização* ou *coisificação* do homem migrante.

Os que chegavam aos seringais já estavam devendo aos patrões pelas mercadorias recebidas em viagem e pelas ferramentas para a extração do látex. Nos seringais havia o chamado *sistema de aviamento* que consistia em anotar em um caderninho tudo que o trabalhador consumia e que deveria ser quitado com seu patrão, em seu suposto retorno à terra natal. "O aviamento enquanto prática de adiantamento de mercadorias a crédito com pagamento

em produtos já fazia parte da cultura amazônica desde o período colonial” (CARNEIRO, 2017, p. 30). Ferramentas, roupas, armas, munições, remédios, tudo era cobrado e anotado como dívida pelo patrão. As mercadorias eram cinco ou seis vezes mais caras que seu valor real e a produção do trabalhador nunca conseguia suprir essa dívida por completo fazendo com que o seringueiro permanecesse de forma contínua nos seringais até sua morte, sem poder sair ou retomar à sua família. “E quando tudo isto não basta para reter o empregado endividado, existe o recurso da força. Embora à margem da lei, ninguém contesta ao proprietário o direito de empregá - la” (PRADO Jr, 1969, p. 244). Conforme entendimento jurídico brasileiro atual, a condição de trabalho desses seringueiros é considerada análoga à escravidão.

Essa condição, de dependência econômica e cerceamento do deslocamento do trabalhador, persistiu até o segundo Ciclo da borracha, apesar de novos contratos de trabalho assinados entre o trabalhador e os financiadores norte - americanos. Esses contratos buscavam proteger os trabalhadores e melhorar o ambiente de trabalho. Novos regimes de trabalho e mercadorias fornecidas diretamente ao trabalhador pelos empresários foram algumas das tentativas frustradas de implantação para a melhoria de vida do seringueiro. Entretanto, não havia proteção ao trabalhador, tampouco melhoria nas condições de trabalho ou redução das jornadas exaustivas. Na prática, o seringueiro só poderia deixar o seringal após a quitação das dívidas com seu patrão. Essa cláusula afrontava os direitos trabalhistas atuais, incorrendo, dessa forma, os empregadores, no crime de redução às condições análogas à escravidão.

Todavia, não havia fiscalização ou lei que impedisse o abuso cometido pelo patrão. As *colocações de seringa* ou regiões de extração do látex faziam com que os migrantes se tornassem verdadeiros homens livres escravizados.

Entre os anos de 1942 e 1945, fim da Segunda Guerra Mundial, estima - se que mais de 60 mil pessoas se deslocaram aos seringais. Desse número, a metade veio à óbito pelas péssimas condições de vida, transporte, alojamento e pela precária comida servida durante o itinerário. Apesar do número de trabalhadores que se deslocou, a produção da borracha não alcançou o esperado, fazendo com que o governo americano descentralizasse suas atribuições aos órgãos brasileiros; e, com o fim da guerra, os norte - americanos cancelaram os acordos realizados com o Brasil. Ocorre que, com a vitória dos Aliados, o caminho do sudeste asiático estava liberado para o mercado internacional, tornando a Amazônia desnecessária ao consumo e compra mundiais. Ademais, após a Segunda Grande Guerra, a borracha ganhou uma forma mais sintética, produzida em menos tempo, minguando a exploração dos seringais, o que levou ao fim a supremacia da extração do látex na região amazônica.

O descaso do Governo brasileiro com essa gente foi tão grande que apenas com a Constituição de 1988, os *soldados* adquiriram o direito a uma pensão vitalícia de dois salários - mínimos. O pagamento da pensão adquirida foi regularizada pela lei n.º 7.986 de 1989 que regulamenta a concessão do benefício previsto no artigo 54 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT. Tal direito veio com a Emenda Constitucional de número 78, do ano de 2014, após 25 anos, que indica o recebimento da pensão mensal, regulamentada pela lei acima, mais a indenização de R\$ 25 mil reais, em parcela única, conforme observado no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Com o fim da Guerra, os *soldados da borracha* foram esquecidos pelo Governo brasileiro. As informações demoravam tanto a chegar àquelas regiões que muitos não souberam do fim da Guerra, tomando conhecimento anos depois. Diante disso, uma grande maioria tentou retorno à sua terra, da mesma forma que chegou: sem dinheiro, com a saúde debilitada e sem perspectiva de vida. Alguns buscaram criar raízes na região e formaram família, além de tentarem tirar algum lucro da extração. A batalha que muitos foram lutar, não teve retorno financeiro em suas vidas. Uma batalha sem tanques, sem munição e sem generais, mas que conseguiu dizimar grande parcela da gente que foi em busca de sonhos.

Complementando esse contexto, a partir de um panorama geral do que foi a extração de látex no Norte do país, a migração nordestina e a presença do governo no desenvolvimento - ou não - das cidades, Marquêa tece observações acerca do contexto histórico à época de **Relato de um certo Oriente**, destacando o espaço amazônico após o auge da economia gumífera:

No início dos anos 60 Manaus era ao mesmo tempo uma cidade provinciana e cosmopolita. A *Belle Époque* cabocla não tinha mudado muito, na fisionomia da cidade era possível ver os sobrados de estilo neoclássico dos anos prósperos da borracha e ao mesmo tempo a arquitetura popular das palafitas [...] Encerrada a guerra, reorganizadas as economias de vencedores e derrotados na Europa e Ásia, cessaram as atividades nos velhos e ineficientes seringais da Amazônia. Mas ali ficou um Estado - e mesmo uma região que não é apenas território brasileiro -, mestiço e híbrido na forma e no conteúdo (MARQUÊA, 2007, pp. 105-106 - grifos da autora).

A região Norte do país tem em sua formação social a luta travada entre homens contra situações precárias, doenças e solidão por todos aqueles que partiram em busca de melhores condições de vida. A fome, a miséria, o medo da guerra contribuíram para que o Norte brasileiro fosse formado por gente de todo o Brasil. Não somente brasileiros, mas imigrantes também fizeram parte da compleição social da gente amazônica, como observamos nas análises da literatura amazônica, em especial, as obras recortadas para nossa pesquisa, **Terra de Icamiaba** e **Relato de um certo Oriente**.

### Sujeitos marginalizados nos romances da Amazônia

Em sua obra, **A autorrepresentação de grupos marginalizados**: tensões e estratégias na narrativa contemporânea (2007), a pesquisadora Regina Dalcastagnè destaca a presença dos chamados grupos marginalizados na literatura brasileira. Para ela, esses grupos são compreendidos como [...] “todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério” [...] (DALCASTAGNÈ, 2007, p.20). As narrativas pesquisadas, **Terra de Icamiaba**, publicada em 1934, pelo paraense Abguar Bastos, e **Relato de um certo Oriente** (2008), do manauara Milton Hatoum, vinda a público em 1989, apresentam a cultura amazônica, nortista e nordestina protagonizadas pela presença majoritária de personagens marginalizados, ou seja, que atuam dentro dessa população cuja representação literária é estudada por Dalcastagnè.

Não obstante as diferenças de contexto histórico, a obra de Abguar Bastos - publicada, inicialmente em 1930, sob o título **Amazônia que ninguém sabe** e, posteriormente com o título atual, em 1934 -, narra o deslocamento de outras culturas pelo território brasileiro e a de Hatoum, também mergulhada na textura das movências, amplia os olhares do contato para a presença de outros atores culturais como alemães, franceses, libaneses e portugueses.

Colocados em relação, os dois romances se voltam para o universo da construção do espaço, numa perspectiva identitária relacionada aos costumes, tradições e contextualização das transformações sociais e políticas no espaço em destaque, a partir da visão cosmopolita do deslocamento dos autores intelectuais amazônicos. Portanto, são textos cuja aderência estética e cultural impulsionam a lógica e dinâmica do trânsito para além das fronteiras nacionais, reposicionando o leitor frente às camadas discursivas dialógicas cada vez mais móveis e plurais.

Distantes pelo tempo, mas unidas no *locus* panamazônico, **Terra de Icamiaba** e **Relato de um certo Oriente** enfocam, distintamente, a partir de grupos marginalizados, o chamado Ciclo da borracha, cujo contexto de exploração contribuiu para enriquecer - ou tornar mais miseráveis - os trabalhadores locais, os estrangeiros ou magnatas. O Ciclo da borracha foi um dos mais importantes momentos históricos no Brasil, cuja movimentação econômica e social, relacionada à extração do látex, pôs em evidência as terras do Norte. O Ciclo da borracha permitiu uma maior visão do norte do país, antes desconhecido, fazendo com que os novos integrantes dessa região - empresários ou somente exploradores - levassem novidades culturais e sociais impulsionando o desenvolvimento de várias cidades nortistas, a exemplo de Manaus e Belém (a Paris n'América), capitais. Esse contexto também acrescentou à criação de territórios no Brasil, como o Território do Acre, antes terra boliviana, em 1903.



**Terra de Icamiaba** apresenta um recorte temporal que vai do auge do Ciclo da borracha, iniciando em 1877, na chegada da família paterna de Bepe, os “Assunções” ao Pará, oriundos do Ceará, até a decadência da economia gumífera. O romance de Bastos acentua a crise da borracha e evidencia um estado em empobrecimento social, político e conseqüentemente econômico. O estado do Amazonas é descrito como um paraíso outrora belo e produtivo comprometido pelo descaso político após o Ciclo da borracha. Esse cenário será encontrado em **Relato de um certo Oriente**, de Hatoum, mas de forma menos expressiva em **Terra**.

Inseridos nos processos de globalização e na visão cosmopolita, os personagens estrangeiros de **Relato de um certo Oriente** e **Terra de Icamiaba** se adequam à visão que Silviano Santiago, em seu texto “Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre” (2016), traz, o qual destaca uma comunidade cosmopolita que, por necessidade, não consegue se fixar em um único território:

Se o movimento for compreendido pelo sentido mais amplo do vocábulo diáspora, logo se desnuda o motivo ou a causa que, nos séculos XX e XXI, compele o indivíduo ou os familiares em grupo a abandonar o lar e a viajar em busca de melhores oportunidades. Em casa, os futuros migrantes foram afligidos com a pobreza e, nos casos extremos, com a miséria. Muitos são analfabetos e não têm profissão definida. Vivem como animais. Talvez sejam eles (homens e mulheres, velhos e crianças) os últimos espécimes humanos a crer na utopia da viagem e no Eldorado. Se fracassados, os desbravadores honestos e amorosos transformam-se nos mais desesperados mortais, sucumbindo a toda forma de comportamento desviante e de negócio ilícito (SANTIAGO, 2016, p. 16).

Dessa forma, cada narrador de ambas as narrativas pesquisadas, repassa sua voz, oscilando entre um e outro, passando uma percepção - conforme leitura das narrativas - do espaço amazônico e em contato com outras comarcas culturais. A partir disso, as formas como o discurso latino - americano passa a ser produzido e como esses narradores pós - coloniais vão retraduzindo as especificidades da cultura amazônica se entrelaçam com as tensões entre as culturas locais e aquelas globalizadas, destacando os grupos marginalizados em Hatoum, a exemplo dos estrangeiros *versus* brasileiros.

Presença constante na análise das obras apresentadas, o *deslocamento* é um termo que possui vários significados. Em seu artigo “Figurações do deslocamento nas literaturas das Américas” (2007), a pesquisadora Zilá Bernd elenca a variedade de sentidos tomados por um vocábulo. Inerente à nossa pesquisa, acerca do tema exposto, temos:

A palavra tem também o sentido de migração por perseguições ou violência [...] O que é possível constatar é que, com base no princípio do Movimento, uma série incontável de conceitos se sucedem em tempos de pós - modernidade para tentar analisar a movência de autores, personagens, estilos, passagens temporais, espaciais e discursivas (muitas vezes radicais) que se observam em literatura, todas elas com um sentido positivo, pois se opõem evidentemente ao que é estático, imóvel, fixo, permanente, sólido, inquestionável. Parece que se privilegia, em uma era de natural globalização, tudo o que se move, se desloca e flui (BERND, 2007, pp.89 - 90).

**Terra de Icamiaba** apresenta processos de deslocamento das comunidades destacadas na análise, junto ao destino dos sujeitos evidenciados no romance, como acontece em **Relato de um certo Oriente**. Esses deslocamentos de estrangeiros e migrantes em território nacional provocam uma reorganização em termos de cultura, além de corroborar que a memória coletiva é capaz de gerar pré - conceitos aos sujeitos, sendo esta construída sobre os sujeitos do deslocamento: estrangeiros e migrantes. A memória apresentada é moldada por conceitos pré - concebidos, sendo avivada no decorrer da narrativa. Citando o teórico canadense Patrick Imbert, Zilá Bernd destaca a complementariedade entre território e deslocamento. Para ela,

Os conceitos de territorialização e desterritorialização não devem ser vistos em termos de oposição binária, mas de passagens necessárias nos processos de construção identitária, pois desterritorializações são sucedidas por movimentos de reterritorialização que não apenas restauram o território cultural perdido, mas o enriquecem com elementos novos (BERND, 2007, p.90).

O narrador de Abguar Bastos está territorializado em um contexto amazônico, mas, à medida que se insere a presença do estrangeiro, ele se desterritorializa. Em Milton Hatoum, os narradores já são desterritorializados, não conseguindo identificar uma raiz principal, definir integralmente quem eles são. No romance **Terra de Icamiaba**, seguindo esse pensamento, o narrador se define como um sujeito pertencente a um *eu local*. Entretanto, ao se definir como um *eu local*, ele acaba por se perceber, também, como um sujeito contraditório. Tal contradição é ocultada em **Terra de Icamiaba** e extrapolada em **Relato de um certo Oriente**. Dessa forma, em relação ao sujeito, não haverá mais uma preocupação em afirmar acerca de uma única raiz cultural.

Desse pressuposto, acomodamos o entendimento de Sérgio Buarque de Holanda, o qual, em sua obra **Raízes do Brasil** (1975), a partir da abordagem de aspectos importantes em nossa cultura brasileira, traça uma interpretação de nosso processo de formação social, trazendo suas múltiplas raízes brasileiras. Sendo algumas vezes múltiplos, plurais, ao focarmos nesse processo como único, perdemos, muitas vezes, a alteridade de cada camada, uma singularidade de cada estrato cultural - de cada alteridade cultural - que é, muitas vezes, abafada em algumas narrativas. Conforme observamos em Zilá Bernd (2013):

O desejo de considerar os conceitos de errância e de nomadismo para falar do homem da modernidade tardia provém da constatação de que nos enraizamentos identitários podem ser nefastos e gerar cisões e preconceitos [...] criando a metáfora do nomadismo para referir-se às multiplicidades de identificações dos indivíduos que substituem a identidade de raiz única, afirma que o deslocamento que salva, e não o enraizamento (BERND, 2013, p.148).

Complementando esse pensamento, Édouard Glissant (2005), em **Introdução a uma poética da diversidade**, publicada em 1995, observa que o conceito de identidade única ou cultura pura, não se enquadra mais em nosso pensamento contemporâneo, uma vez que essa ideia remete à exclusão de outras culturas, não representando, dessa forma, a realidade múltipla, plural e diversa que vivenciamos no mundo atual, pois “nenhum povo, com efeito, foi preservado dos cruzamentos raciais” (GLISSANT, 1981, p. 250 apud LIMA, 2016, p. 9). Para ele, esse entendimento

[...] sublime e mortal que os povos da Europa e as culturas ocidentais veicularam no mundo; ou seja, toda identidade

é uma identidade de raiz única e exclui o outro. Essa visão da identidade se opõe à noção hoje “real”, nas culturas compósitas, da identidade como fator e como resultado de uma criouliização, ou seja, da identidade como rizoma, da identidade não mais como raiz única, mas como raiz indo ao encontro de outras raízes [...] todas as culturas têm necessidade de todas as culturas (GLISSANT, 2005, p. 27; 156 - grifos do autor).

Em sua obra, Glissant analisa a multiplicidade das várias identidades culturais de povos e grupos minoritários, frente à globalização, propondo uma estética da Relação. Essa *estética* busca um diálogo com o plural, com o diverso, onde as fronteiras e territórios intelectuais são reinterpretados e seus processos históricos de construções culturais, linguísticos e de identidade, reavaliados.

A partir da análise de nosso *corpus*, percebemos que os romances propõem um movimento de cartografia de alteridades que foram abafadas durante muito tempo. Os narradores presentes nos romances trazem ao centro narrativo o que se encontra perdido, à margem da narrativa e o fazem com o intuito de compor o deslocamento como um elemento de agregação - e não como fonte de separação -, de interligação dessas experiências constituídas desde seu processo de criação.

As construções das memórias, nas narrativas ficcionais, são evidenciadas a partir das falas dos personagens, que representam a gente que trabalha nessas regiões, bem como na descrição minuciosa dos costumes e tradições locais, em Hatoum e da política e vida social anunciadas em Bastos. Os traços distintivos que irão tecer as duas narrativas, escritas em épocas diferentes, servem de apoio complementar à construção do passado nortista. A luta por melhores condições de vida, a diversidade cultural, a variedade linguística e religiosa são algumas percepções que encontramos nos romances.

A leitura dos dois romances nos apresenta a importância do retrato histórico - político - social realizado pelos escritores que moldam suas obras, a partir de memórias - como vemos em **Relato de um certo Oriente** - ou a partir da apresentação de personagens marcados pelo desejo de mudanças sociais - como observamos em **Terra de Icamiba**. Dessa observação, voltamos - nos à memória evidenciada em ambas as obras e que funcionam como uma exposição da vida local, no contexto histórico do Norte no século XIX e XX, daqueles que viveram ou experimentaram e que se distanciam dos discursos dos que não o fizeram. A infância descrita em **Relato de um certo Oriente** nos enlaça na diversidade cultural manauara e **Terra de Icamiba** nos oferece a visão heterogênea das lutas das camadas inferiores, de grupos marginalizados, contra as camadas que oprimem o homem e o tornam mais miserável, não deixando - essas camadas superiores - de também sofrer preconceitos.

Esses grupos, postos à margem, compõe as vozes que irão moldar as narrativas, a partir do relato da xenofobia ou pelo discurso heroico de luta do homem pobre, em **Terra de Icamiba**, ou pelas complexas relações familiares, em **Relato**. Adentrando esse território, Regina Dalcagnè, em seu livro **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado** (2012) destaca que, no romance contemporâneo, setores marginalizados foram subalternizados pelos narradores que não estavam acostumados em pôr na cena narrativa personagens que eram considerados um expurgo da sociedade e, dessa forma, não precisavam ser apresentados:

Essas cidades são domínio de poucos, afinal, barreiras simbólicas determinam o lugar de cada um. Algumas áreas são vedadas aos pobres e aos malvestidos, exceto quando se encontram na posição de serviçais, ao passo que outras, as mais degradadas, são seu domínio. As ruas são dos homens e as mulheres, até bem pouco tempo atrás, permaneciam confinadas na esfera doméstica. As cidades, então, são território de aglutinação, de encontro de pessoas de diferentes

procedências e de segregação. [...] o romance contemporâneo privilegia a representação de um espaço social restrito. Suas personagens são, em sua maioria, brancas, do sexo masculino das classes médias. Sobre outros grupos, imperam os estereótipos. As mulheres brancas aparecem como donas de casa; as negras como empregadas domésticas ou prostitutas; os homens negros, como bandidos. Assim, o campo literário, embora permaneça imune às críticas que outros meios de opressão simbólica costumam receber, reproduz os padrões de exclusão da sociedade brasileira (DALGASTÁGNÈ, 2012, p. 14).

Conforme observado, Regina Dalcastagnè (2012) coloca na estética dos vestígios, aquelas pessoas que não foram reconhecidas na construção de uma narrativa. As vozes narrativas presentes em ambas as obras nos oferecem, a partir da perspectiva do homem marginalizado, uma nova abordagem literária apontando que tais tessituras abrangem as camadas inferiores, grupos estes, sub representados em romances contemporâneos, conforme leitura do texto de Dalcastagnè.

### Considerações Finais

Esses relatos oferecidos pelos escritores, contribuem para uma nova visão dos acontecimentos históricos, como o Ciclo da borracha, que conta a vida e luta dos trabalhadores, da resistência destes à uma vida de fome, da política corrupta, do judeu que endivida o (i) migrante ignorante - mas que também sofre preconceito -, da mulher violentada, enfim, de grupos postos à margem da sociedade. Esses registros são o foco central de **Terra de Icamiba**, cujo protagonista vivencia no presente todos os dilemas morais, políticos, econômicos e sociais que desaguardam em várias tragédias pessoais. A narrativa de Hatoum traz, a partir da voz de seus personagens - a exemplo da narradora de **Relato de um certo Oriente** - uma (re) visitação do passado e sua ligação com o desenvolvimento da cidade de Manaus e da própria região Norte. Tal desenvolvimento é impulsionado por fatos históricos que são conectados à composição de culturas, cores, raças e religiões.

As obras recortadas para análise apresentam, ainda, registros de acontecimentos políticos, sociais e históricos reais ou ficcionais. Essas narrativas são eivadas de violências observadas a partir da memória dos personagens que trazem, através de seus testemunhos, uma literatura mais móvel/aberta/transversal aos fatos locais que descreve as cores, a cultura e a violência social.

Ambas as obras foram elaboradas a partir de um discurso cujo processo sócio - histórico permanece conectado a elas, seja na memória e deslocamento dos personagens - expostos em suas falas -, seja nas transformações geográficas e econômicas reveladas no decorrer das narrativas. Nessa análise, observamos que há uma base histórica da formação da Amazônia e de seu imaginário, a partir da breve exposição do Ciclo da borracha e da presença *inconteste* dos migrantes nordestinos e imigrantes - e seus revestimentos de *eu local* pelo *eu global*, a partir do seu deslocamento - pelo país, junto às memórias e deslocamentos, com base na representação dos sujeitos em **Terra de Icamiba** e **Relato de um certo Oriente**, forjadas a partir dos traços e vestígios culturais do imigrante e do nativo.

### Referências

BASTOS, Abgvar. **Terra de Icamiba** (romance da Amazônia). 2.ed. São Paulo: Andersen - Editores, 1934.

BERND, Zilé. Ler as literaturas da migração a partir de vestígios memoriais. In: -----, **Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros**. Belo horizonte: Fino Traço, 2013. pp. 145-160.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas**: DFMLA. Rio Grande do Sul: Tomo Editorial, 2007.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

CARNEIRO, Eduardo de Araújo. **História do Acre**: resumo para concurso. Rio Branco: EAC Editor, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. 1. ed. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012. v. 1.

\_\_\_\_\_. A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, v. 42, pp. 18-31, 2007.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Eunice do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora, UFJF, 2005.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

IANNI, Otávio. **A luta pela terra**: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1981.

MAQUÊA, Vera Lúcia da Rocha. **Memórias inventadas**: Um estudo comparado entre **Relato de um certo Oriente**, de Milton Hatoum e **Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra**, de Mia Couto. 2007. Tese. (Doutorado em estudos comparados). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SANTIAGO, Silvano. Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre. In: ----- . **Falando com estranhos**: o estrangeiro e a literatura brasileira / organização Godofredo de Oliveira Neto, Stefania Chiarelli. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. pp. 15-32.

PIMENTEL, Flávio R. **Memória e migração presentes em narrativas orais de migrantes nordestinos na Amazônia paraense**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do paraná, Instituto de Letras e Comunica o, Belém, Pará. 2012.

WANZELER, Rodrigo de Souza. **Candunga**: fissuras do presente ressignificando uma certa Amazônia e um certo nordeste no romance de Bruno de Menezes. 2009. Disserta o. (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunica o, Belém, 2009.

Recebido em 25 de novembro de 2019.

Aceito em 15 de junho de 2020.